

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O surf em tempos de aprendizagens remotas: experiências do estágio curricular supervisionado em Educação Física

Surfing in times of remote learning: experiences of supervised curricular internship in Physical Education

 Camila Fernanda Pena Pereira¹  Samara Rubia Silva²  Mayrhone José Abrante Farias³
 Ernesto Vandré Teixeira Madeira⁴

¹ Colégio Universitário (COLUN/UFMA), São Luís, Brasil

² Instituto Federal do Paraíba (IFPB), Princesa Isabel, Brasil

³ Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Tocantinópolis, Brasil

⁴ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 03 agosto 2022

1ª Revisão: 26 setembro 2022

2ª Revisão: 22 novembro 2022

Aprovado: 02 dezembro 2022

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino Remoto;

Práticas Corporais de Aventura;

Surf.

KEYWORDS:

Remote Learning;

Adventure Body Practices;

Surf.

PUBLICADO:

02 janeiro 2023

RESUMO

OBJETIVO: Relatar a experiência da unidade didática com a temática surf no Estágio Supervisionado em Educação Física, e de modo mais específico, analisar como se materializaram essas aulas mediante o ensino remoto.

MÉTODOS: Esta pesquisa de cunho qualitativo tratou de um relato de experiência do tipo descritivo acerca do conteúdo surf, na escola de aplicação da Universidade Federal do Maranhão – Colégio Universitário (COLUN/UFMA), partindo de uma análise conjunta entre estagiário e supervisora considerando: regimentos do estágio nas instituições de nível superior e na escola de aplicação; os registros de caderno de campo dos atores do processo, além dos documentos curriculares como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) e o plano de ensino da unidade didática.

RESULTADOS: Destaca-se que o reconhecimento dos conceitos e práticas vivenciadas durante a sequência didática obtiveram um trato pedagógico que cumpriu as demandas do estágio, fazendo desse processo uma fase importante para o desenvolvimento da formação inicial do estagiário inserido nesse processo. Os estudantes reconheceram a importância de conhecer práticas pouco acessíveis.

CONCLUSÃO: Consideramos que a apropriação de todas as etapas do processo são cruciais para estagiário e supervisora, e não um caminho de uma via apenas. Concluímos que os estudantes ampliaram seus olhares sobre o conteúdo trabalhado para outros modos do campo do saber e do fazer, compreendendo que esses caminham juntos, independente do contexto, se presencial ou remoto.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To report the experience of the didactic unit with the theme surf in the Supervised Internship in Physical Education, and more specifically, to analyze how these classes materialized through remote teaching.

METHODS: This qualitative research dealt with a descriptive experience report about the surfing content, in the application school of the Federal University of Maranhão - University College (COLUN/UFMA), starting from a joint analysis between intern and supervisor considering: regulations of the internship at higher education institutions and the application school; the field notebook records of the actors in the process, in addition to curricular documents such as the National Common Curricular Base - BNCC (BRASIL, 2018) and the teaching plan of the didactic unit.

RESULTS: It is noteworthy that the recognition of the concepts and practices experienced during the didactic sequence obtained a pedagogical treatment that fulfilled the demands of the internship, making this process an important phase for the development of the initial training of the intern inserted in this process. Students recognized the importance of getting to know less accessible practices.

CONCLUSION: We believe that ownership of all stages of the process is crucial for interns and supervisors and not just a one-way path. We conclude that the students expanded their views on the content worked to other modes in the field of knowing and doing, understanding that these walk together, regardless of the context, whether in person or remotely.

INTRODUÇÃO

Em um momento histórico muito peculiar, decorrente da pandemia do COVID-19, buscar estratégias metodológicas e conteúdos que atraíssem a atenção dos(as) alunos(as) nas escolas acabou sendo um movimento indispensável para o modelo de ensino remoto. Conforme Alves (2020), a educação remota é configurada, em linhas gerais, pela adequação do formato presencial, em que os(as) docentes planejam e ajustam suas aulas visando uma melhor compreensão dos(as) discentes. De todo modo, as adequações nem sempre proporcionam o alcance perspectivado.

Com efeito, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) deixaram de ser alternativas metodológicas e se tornaram soluções pedagógicas, em uma conjuntura de distanciamento social e de tensionamento no universo da educação. Esse processo foi se constituindo de maneira truncada no âmbito escolar, abrangendo aspectos que vão desde o acesso a equipamentos, ferramentas e habilidades necessárias para utilização desses instrumentos, até questões referentes ao trabalho no ambiente doméstico, avaliação dos estudantes, carga horária das aulas e efetivação da prática pedagógica em diferentes formatos – síncrono ou assíncrono (VASQUES; NETO, 2021).

Considerando o contexto de ensino remoto e as TIC na educação, construímos o trabalho pedagógico do semestre letivo de 2021.1 de forma conjunta com o grupo de discentes de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) em Educação Física, que ocorreu na escola de aplicação da Universidade Federal do Maranhão – Colégio Universitário (COLUN/UFMA), em turmas do ensino fundamental (anos finais). Para tanto, recorreu-se ao conteúdo de Práticas Corporais de Aventura (PCA), com a especificação do tema surf, compreendendo o apelo regional subjacente, devido às particularidades da ilha de São Luís do Maranhão, que dispõe de condições ambientais necessárias para a prática da modalidade. De mais a mais, o surf dispunha de alternativas didático-pedagógicas para a organização das aulas prevendo vivências de maneira remota. Ressalta-se, ainda, a carência de literatura em estudos que problematizem o surf em seu apelo educacional.

No que diz respeito a apresentação do conceito, evidenciamos que as PCA apresentam suas possibilidades nos meios naturais e urbanos, tendo em sua essência, aspectos de imprevisibilidade, sensação de adrenalina em ações majoritariamente radicais. Para a BRASIL (2018) as PCA são “[...] centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador” (BRASIL, 2018, p. 218).

De maneira geral, no campo da Educação Física, o surf pode ser situado em diversas classificações, seja como esporte de aventura, radical ou de natureza (ARAÚJO; SILVA; OLIVEIRA, 2018). Quanto ao conceito de surf, Ramos et al (2018) afirma ser uma prática da natureza a qual ocorre em meio líquido instável, necessitando do uso de uma prancha para deslocamento. Nesse contexto, há uma menção direta à noção de risco, além das sensações que decorrem da atividade, como medo, euforia, alegria, entre outras (BRASIL; RAMOS; TERME, 2010). Portanto, há de se considerar na organização didático-pedagógica do surf,

elementos que favoreçam a autonomia dos sujeitos, prestigiando suas limitações e potencialidades (COSTA, 1997).

Nesse bojo, entende-se que com a popularização e institucionalização da prática competitiva do surf no Brasil, o transformou em um importante objeto de intervenção pedagógica no âmbito da Educação Física (RAMOS; BRASIL; GODA, 2013). Outrossim, o surf, enquanto manifestação cultural, é composto de aspectos relacionados à natureza, a expressão corporal, bem como de questões voltadas às emoções (SCHWARTZ, 2006).

Ao tratarmos o surf dentro dessa experiência, é preciso considerar que o estágio é uma etapa particular no processo de formação docente, haja visto que o(a) estagiário(a) é inserido no cotidiano escolar, sendo exposto(a) a situações reais, que lhes reportam a conhecimentos adquiridos durante a formação universitária em outras disciplinas curriculares (AUGUSTO et al., 2020; AZOLINI, 2012). Nesse contexto se faz necessário uma análise crítica em torno das realidades institucionais, que desemboca em uma reflexão constante em torno da própria prática e o (re)conhecimento de teorias que subsidiam as aulas. Essas ações são indispensáveis na configuração de habilidades de pesquisa imbricadas na prática docente (PIMENTA; LIMA, 2005; 2006).

Por outro lado, o ECS, em dadas circunstâncias, pode ser visto como uma etapa de simples cumprimentos de demandas burocráticas para conclusão do curso superior, assumindo um lugar menor no itinerário formativo. Contudo, os estudos voltados ao ECS revelam a importância das discussões acerca da formação inicial dos professores presentes em periódicos especializados, teses e dissertações da área (SILVA JUNIOR; OLIVEIRA, 2018; CARVALHO FILHO et al., 2021).

De acordo com Molleta et al. (2013), o ECS deve proporcionar interações do(a) estagiário(a) com toda a comunidade docente, auxiliando na compreensão de aspectos concernentes a identidade docente. Desse modo, nas licenciaturas, em especial a do curso de Educação Física, deve-se conceber o que fora assimilado sobre os processos da instituição escolar e em especial os da regência pedagógica. Nesse bojo, o(a) docente não pode ser reduzido(a) aquele que apenas “entrega a bola” aos estudantes, promovendo uma prática desconectada com a realidade, destituída de compromisso com o campo e com a profissão. Na esteira dessa discussão, há de se considerar que a função docente se coloca como um ato de comprometimento, primeiro, consigo, enquanto professor(a), com a instituição escolar e com seus estudantes, portanto “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 98).

Considerando que a educação é nutrida por todo o cotidiano que cerca e se insere na própria escola, promover formas de ensinar e aprender, utilizando de conteúdos que ampliem o universo de significados dos sujeitos educandos, se configura como um movimento indispensável. Nesse sentido, o presente texto objetiva relatar a experiência da unidade didática com a temática surf no Estágio Supervisionado em Educação Física, e de modo mais específico, analisar como se materializaram essas aulas mediante o ensino remoto.

MÉTODOS

O presente estudo corresponde a um relato de experiência do tipo descritivo acerca de vivências ocorridas no Estágio Curricular Supervisionado (ECS) em Educação Física, com turmas do ensino fundamental (anos finais), na escola de aplicação da Universidade Federal do Maranhão – Colégio Universitário (COLUN/UFMA), durante o período do primeiro semestre de 2021. O COLUN, situado na própria universidade, localiza-se em bairro do município de São Luís no estado do Maranhão. A escola que existe desde 20 de maio de 1968 oferta atualmente o Ensino Fundamental (anos iniciais – 5º ano e anos finais), Ensino Médio Regular, Ensino Médio e Técnico Integrado (Cursos de Administração e Meio Ambiente) e Curso Técnico Subsequente em Enfermagem (COLÉGIO UNIVERSITÁRIO UFMA, 2021).

Desse modo, tal trabalho se afina com a abordagem qualitativa, que segundo Triviños (1987, p. 129) caracteriza

A pesquisa qualitativa de tipo histórico-estrutural, dialética parte também da *descrição* que intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência. Busca, porém, as causas da existência dele procurando *explicar* sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por *intuir* as consequências que terão para a vida humana (TRIVIÑOS, 1987, p. 129, grifo do autor).

Partimos de uma análise conjunta entre estagiário e supervisora, no qual foram considerados os aspectos regimentais acerca do estágio nas instituições de nível superior e na escola de aplicação, tendo por base, os registros do caderno de campo dos atores do processo, além dos documentos curriculares como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) que prevê o ensino do conteúdo supracitado e o plano de ensino da professora.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Licenciatura em Educação Física da UFMA, o estágio representa um ato educativo e “visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular” (UFMA, 2015, s/p). A quantidade de horas previstas para sua realização está apresentada no Quadro 1.

Quadro 1. Distribuição da carga horária para o Estágio II – Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio da UFMA

Atividade	Carga Horária
Encontros semanais (orientação)	20 horas
Observação	30 horas
Regência	60 horas
Planejamento das aulas: Planos de aula	15 horas
Seminários	10 horas
Total	135 horas

Fonte: UFMA (2015), adaptado pelos autores.

Todas as etapas acima foram cumpridas, sendo flexibilizada a quantidade de horas de cada atividade, sendo 10 horas para os encontros; 10 horas de observações; 20 horas de regências e cinco horas de planejamento, em virtude dos calendários de ambas as instituições. Assim, cabe revelar que tal quadro sofreu adequações seguindo a recomendação da Instrução Normativa nº. 05/2021 – Pró Reitoria de Ensino/PROEN.

Vejamos alguns pontos importantes:

Art. 3º. As atividades práticas de estágio curricular obrigatório dos cursos de Licenciatura poderão ser substituídas pela realização de atividades remotas, desde que seja assegurado o registro das atividades desenvolvidas no estágio e garantida a participação do Supervisor Técnico da instituição Concedente e do Supervisor Docente nas etapas de planejamento e execução das atividades remotas.

Art. 4º. As atividades de Supervisão Docente de estágio curricular obrigatório poderão ser mantidas de maneira presencial ou não presencial, utilizando-se dos meios tecnológicos disponíveis.

Parágrafo Único. Recomenda-se que o Supervisor Docente colabore com o esclarecimento de dúvidas apresentadas pelo estudante durante a realização das atividades e acompanhe o cronograma das atividades propostas pela empresa/instituição Concedente, promovendo as intervenções que considerar pertinentes (UFMA, 2021, s/p).

Em tempos de incertezas pedagógicas em decorrência da pandemia da COVID-19, nossas aulas que comumente somavam 50 minutos, foram divididas em dois momentos: o primeiro via plataforma *google meet* para a aula síncrona, distribuídos em tempos de 30 minutos e o segundo assíncrono, com a utilização do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) o qual anteriormente, servia para atividades menos intensas como lançamentos de notas e envio de tarefas/notícias, este correspondendo ao tempo restante de 20 minutos. Tal plataforma foi potencializada no intuito de agregar conteúdo, links e aulas gravadas, na intenção de assegurar a continuidade dos estudos com suporte assessorado e acesso facilitado pelos estudantes que já conheciam o sistema.

O planejamento da sequência didática foi proposto cumprindo a iniciação à sistematização do conhecimento, seguindo os procedimentos pautados no (COLETIVO DE AUTORES, 1992) coadunando com a perspectiva curricular da escola e da docente supervisora. A esse respeito, entendemos que

Nele o aluno vai adquirindo a consciência de sua atividade mental, suas possibilidades de abstração, confronta os dados da realidade com as representações do seu pensamento sobre eles. Começa a estabelecer nexos, dependências e relações complexas, representadas no conceito e no real aparente, ou seja, no aparecer social (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 23).

As aulas foram ministradas ao longo do primeiro bimestre de 2021 nas turmas dos 6º anos do ensino fundamental, que tinha como conteúdo programático as PCA com foco nas vivências do surf. Como requer o processo do estágio, houve três momentos: reconhecimento da instituição, observação e regência.

Estagiário e supervisora já se conheciam diante da realização do primeiro estágio em 2019 nos anos iniciais, algo que facilitou o processo e a confiança no trato pedagógico. Para além, a relação do estagiário com o conteúdo de PCA se afina pela experiência como praticante de surf e skate, o que o instigou para que a temática se tornasse objeto de estudo monográfico. Vale ressaltar que, apesar do estagiário conhecer a instituição, foi necessário cumprir a etapa de reconhecimento diante do cenário atípico de isolamento social e das mudanças pedagógicas afetas ao contexto. Portanto, houve leituras de regimentos e portarias sobre

a organização do estágio, acompanhamento das reuniões sistemáticas e participação na semana pedagógica, todos esses elementos foram essenciais para sua inserção na escola.

Nesse sentido, o estagiário investiu tempo de análise no plano de ensino e em quais adaptações seriam necessárias, para só então, estruturar uma sequência didática em quatro aulas. Vejamos a organização nas ordens.

Quadro 2. Recorte do plano de ensino da professora supervisora no 1º Bimestre.

Conteúdo	Características	Atividades
Brincadeiras e Jogos	Jogos populares do Brasil e do mundo;	Inventário sobre jogos e brincadeiras realizado com a família (resgate e valorização da memória lúdica) - Apresentação dos estudantes (culminância);
	jogos de matriz indígena e africana;	
	Jogos eletrônicos	Festival virtual de pipas (encerramento final do semestre)
Práticas Corporais de Aventura	Conceito de PCA's na natureza;	Confecção de pranchas e envio via SIGAA (explorando os movimentos básicos)
	Exemplos que utilizam pranchas;	
	O equilíbrio como fundamento das PCA's na natureza;	
	Vivenciando o surf	

Fonte: plano de ensino da professora supervisora (adaptado).

Quadro 3. Sequência didática do conteúdo Práticas Corporais de Aventura e o conceito de prancha

Aula/Data	Organização dos Momentos	Metodologia
Aula 1 20/04/2021	Síncrona: Práticas Corporais de aventura: introdução/conceitos/identificação do conteúdo na sociedade e no cotidiano; História do surf e exemplos de práticas que utilizam conceito de prancha. Assíncrona: Assistir os vídeos "O que são práticas corporais de aventura" e "Brasil, O país do surf" para discussão inicial da aula seguinte.	Exposição de slides; Via <i>google meet</i> ;
Aula 2 27/04/2021	Síncrona: Continuidade da aula anterior a partir dos vídeos assistidos; Tipos de pranchas; Assíncrona: Atividade para casa: criar ou desenhar algum dos modelos de prancha que lhe interessou.	Exposição de slides; Via <i>google meet</i> ;
Aula 3 04/05/2021	Síncrona: Vivência (equilíbrio sobre a prancha); Assíncrona: Experimentar/explorar movimentos de equilíbrio na sua prancha.	Vivências com câmera aberta; Via <i>google meet</i> ;
Aula 4 11/05/2021	Síncrona: Vivência da modalidade surf com as pranchas dos estudantes; Assíncrona: Postar no portal "SIGAA/UFMA" sua prancha descrevendo resumidamente o que avaliou das aulas sobre o conteúdo "Práticas Corporais de Aventura" e o conceito de prancha.	Vivências com câmera aberta; Via <i>google meet</i> ;

Fonte: elaboração própria.

A participação na elaboração e reconhecimento dos materiais de planejamento dão possibilidades para que o estudante em formação compreenda a importância do ato de selecionar, organizar e sistematizar o conhecimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de adentrar na descrição da experiência efetiva, é importante reconhecer as limitações do contexto atual, no qual as atividades pedagógicas tiveram que sofrer adaptações e entraves na sua proposição, devido a pandemia da COVID-19. A esse respeito, os estudos de (BARBOSA; ANTUNES, 2022) abordam as desigualdades sociais como fator de impedimento para participação nas aulas síncronas. Já Miragem e Almeida (2021) destacam o distanciamento social, falta de interação dos sujeitos assim como a valorização dos saberes conceituais. As argumentações de (SILVA; SILVA, 2022) dão enfoque aos impactos físicos; psicológicos; sociais; na educação e na prática de atividade física.

Nesse sentido, tais questões trouxeram reflexões sob diversos olhares, inclusive os que dizem respeito ao desenvolvimento das atividades curriculares regidas por estagiários, que almejam por esse momento de "choque com a realidade" e para professores que tiveram que estabelecer novas conexões de saberes para o campo da prática (SEABRA et al., 2016). Tais sensações também foram percebidas por outros cenários, como os de Bikel, Benites (2022) que perceberam sobre suas experiências no estágio em formato remoto

[...] É pertinente dizer que estagiários e professores entraram numa lógica de adaptação e flexibilização naquilo que cabia a utilização das ferramentas tecnológicas, formas de acesso a equipamentos e internet e que permitisse minimamente o acontecimento do ensino e, ainda, com estratégias que ao menos tentasse, diminuir as distâncias (BIKEL; BENITES, 2022, p. 10).

Desse modo, muitas adequações pareceram ser a melhor saída, contudo, resolvemos não abrir mão de oferecer os conteúdos de ensino já planejados por considerar relevante o ensino e manutenção da defesa pela Cultura Corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) na forma de promover o ensino dos jogos, lutas, danças, ginásticas, esportes e não menos importante, PCA.

Dessa maneira, em nossa "Aula 1", os estudantes foram instigados a discutir no primeiro momento sobre o conceito das PCA problematizada pela identificação e reconhecimento das atividades que integram essa categoria. Partimos do pressuposto de que é um conteúdo recente no arcabouço curricular dos estudantes (BRASIL, 2018), pontuando ainda, que seus equipamentos costumam ter alto valor de compra, o que pode ser um fator que dificulta o acesso ao esporte. A esse respeito, analisamos as contribuições de (FRANCO et al., 2014) os quais discutem a temática para o campo escolar. Tais práticas, de acordo com Possamai et al. (2021) tem ganhado visibilidade midiática nas últimas décadas.

Os autores complementam que

"[...] as Práticas Corporais de Aventura surgem como tema instigante, inovador e repleto de possibilidades na esfera

do ensino e aprendizagem no âmbito do componente curricular da Educação Física inserido na realidade escolar” (POSSAMAI et al., 2021, p. 208).

Apesar do contexto de ensino remoto impor limites (ALMEIDA; MIRAGEM, 2022) nas relações através das câmeras, ora abertas, ora fechadas, foi possível estabelecer um diálogo interessante, pois os estudantes se mostraram curiosos com a possibilidade de aprender um conteúdo que é pouco acessível socialmente. A problematização do debate conduzido pelo estagiário, trouxe reflexões sobre o contexto da cidade de São Luís do Maranhão e de como os estudantes visualizam o acesso a tais práticas. O surf, *kitesurf*, skate e *body board* foram narrados como atividades comumente vistas, mas pouco ou nunca praticadas por eles/as. A esse respeito, vale promover considerações que se relacionem com a realidade mostrando seu projeto de escola e sociedade (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Após o reconhecimento das práticas a partir da exposição de fotos feita na apresentação, partimos para a discussão mais específica das PCA utilizando a lógica daquelas que utilizam conceitos de prancha, elegendo para isso, o surf e sua história, tendo seus conceitos discutidos com base em FRANCO et al. (2014) e SILVA et al. (2016). A partir disso, reconhecemos que elegemos o surf por ser considerado o precursor dessas práticas, de acordo com Cantorani e Pilatti (2005) e MARCHI et al. (2017). A respeito das práticas com uso de prancha, Madeira (2021, p. 3) afirma que “[...] seria justamente essa superfície instável [...]” acrescentando que “[...] se coloca os pés em posição de estabilização a fim de manter-se equilibrado enquanto desloca-se e/ou realiza-se manobras”.

Devido ao curto tempo mesmo em dois horários, a aula foi interrompida para continuar na semana seguinte e com isso, a abertura de perguntas para um breve debate ganhou as telas com as mais diversas questões. Tais reflexões, em especial sobre a dimensão que o surf ganha no Brasil nos últimos anos, foram exploradas de propósito pelo estagiário para que ele pudesse vincular ao momento assíncrono da aula, que tratou da visualização dos vídeos postados no SIGAA, intitulados: “O que são práticas corporais de aventura” e “Brasil, O país do surf”.

Em comum acordo entre supervisora e estagiário, ao final de cada aula, um tempo foi reservado para reunir sistematicamente no intuito de avaliar, discutir e encaminhar a organização da aula seguinte. Esse processo diminuiu as incertezas e dúvidas geradas pelo formato online.

Em direção a “Aula 2”, nossa intenção foi dar continuidade ao conceito das PCA e como se estabeleceu o surf no Brasil a partir dos vídeos encaminhados. Iniciamos com perguntas sobre o que os estudantes acharam interessante e quais fatos de destaque poderiam ser discutidos no primeiro momento. Após esse processo, apresentamos os tipos de esportes que integram o universo do uso de pranchas, além de fazê-los perceber, a similaridade entre as diversas práticas que utilizam uma base de apoio para o deslocamento.

Foram apresentados os seguintes esportes: *Skate*, *Bodysurf*, *Longboard*, *Windsurf*, *Kitesurf*. Sob orientação dos slides, o processo de reconhecimento se deu em apresentar a imagem do esporte, sondar se os estudantes reconheciam e a partir disso, explicar como o equipamento prancha/base é essencial. Nesse contexto, os destaques

que chamaram atenção dos estudantes foi o fato de que o equilíbrio e as manobras são similares a práticas que não são do meio líquido.

Para o momento assíncrono, encaminhamos a tarefa de construção criativa da prancha para ser apresentada na aula seguinte, como forma de vivenciar o conteúdo mesmo em contexto remoto. Fez-se necessário ter atenção as formas de movimentar o corpo durante o isolamento social (POSSAMAI et al., 2021; FERREIRA et al., 2020). Sugerimos que as pranchas poderiam ser feitas com chinelos, fita adesiva, materiais recicláveis entre outros que representassem uma base de para se equilibrar (Figura 1).

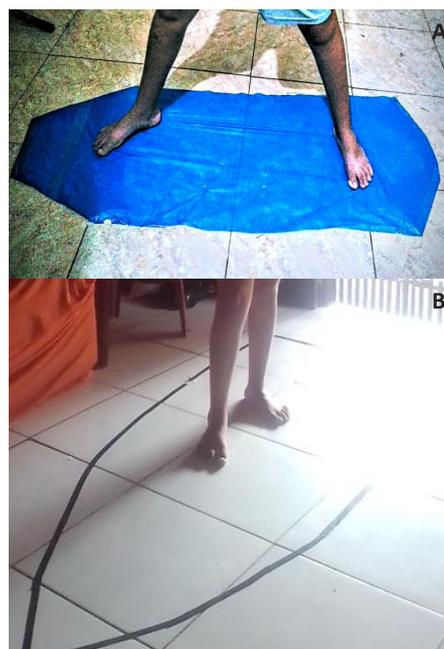


Figura 1. Prancha de surf construída pelos estudantes com materiais recicláveis (A) e fita adesiva (B).
Fonte: Arquivo dos autores.

Ao finalizar a aula, a supervisora se reuniu com estagiário para avaliar as questões didáticas acerca das problematizações, desenvolvimento e assimilações dos estudantes, apontando fatores que o estagiário deveria atentar-se para os próximos encontros, como a celeridade das informações transmitidas, considerando o modelo e o formato de transmissão, assim como as interações e orientações para os estudantes. Receber o feedback a cada momento, remonta o interesse pela docência por parte dos estagiários como nos diz Cristovão e Ayoub (2019).

O planejamento para a vivência foi o elemento de maior preocupação por parte da supervisora contudo, a experiência e estratégias pensadas pelo estagiário denotaram um aspecto importante desse processo: a troca de novas aprendizagens. A esse respeito Scapin et al. (2020) discorre que

“[...] o planejamento e a organização do professor juntamente com os educandos através do trabalho coletivo de construção de novos materiais pedagógicos trouxeram a possibilidade de transformação da realidade escolar e edificação de um novo contexto” (SCAPIN et al., 2020, p. 15).

Aspectos como câmera ligada, celular carregado e po-

sição/distância do aparelho celular para que fosse viável visualizar o corpo inteiro na tela, foram um dos principais cuidados que tivemos ao organizar as orientações da aula seguinte.

O terceiro encontro, denominada “Aula 3” trouxe à tona, vivências através das telas do google meet. O objetivo foi utilizar técnicas de equilíbrio sobre a prancha para a prática posterior do surf. Esse foi um grande desafio para os estudantes. Devido ao curto tempo disponível, realizamos no primeiro momento alongamentos breves e seguimos para compreender formas de se equilibrar.

Os estudantes foram orientados por explicações prévias do estagiário e na sequência realizaram os movimentos com pausas para sanarem suas dúvidas a respeito das formas de equilibrar-se em uma prancha. Atividades com uso alternado das pernas, em vários níveis e planos (altos, médios e baixos) assim como, posicionamentos na base da prancha utilizando as nomenclaturas específicas – *goofy* e regular (posições esquerda e direita respectivamente).

Atividades cujo objetivo foi explorar o tamanho da base (quantidade de apoios), a importância da aproximação do centro de gravidade do corpo com o centro de gravidade da prancha por meio da flexão de joelhos, considerando seu peso e altura foram essenciais para que os estudantes compreendessem os princípios do equilíbrio (POSSAMAI et al., 2021).

Por fim, o último encontro (“Aula 4”) se deu através da realização de novas vivências, resgatando a aula anterior. A proposta foi ampliar o que foi aprendido com a prática do equilíbrio e poder explorar o surf. Nesse sentido, duas discussões levantadas: a primeira, sobre como aprender a surfar fora do meio líquido e a segunda, como subir em uma prancha.

A partir desses elementos problematizados pelo estagiário, a aula deu início explorando a primeira questão. Com diálogo aberto, o estagiário explicou que a segurança e a prática fora do meio líquido são essenciais antes de entrar em ação. Logo, as atividades iniciaram como se os estudantes estivessem em uma praia com suas pranchas, compreendendo as técnicas básicas de remada, posição do corpo, com ênfase para as mãos e os pés, pois estes são essenciais para o movimento ser realizado. Esses procedimentos foram experimentados pelos estudantes diversas vezes, elencando fases para que a compreensão fosse mais assertiva.

Exercitamos alguns movimentos de entrada na prancha, bases e equilíbrios já citados para explorar as fases da subida na prancha. O remar deitado, observação lateral e frontal e ficar em pé sobre a prancha foram feitos após somas de movimentos orientadas pelo regente. Em acordo com Araújo et al. (2018) a vivência com a prática do surf em sala de aula, traz um contato real com a modalidade.

Ao final da aula, os estudantes demonstraram muito interesse pela prática e consideraram que os exercícios, apesar de terem um grau elevado de complexidade (RAMOS et al., 2013), representou uma experiência que não se tinha acesso, abrindo portas para novos olhares sobre as possibilidades de praticar esportes ou atividades que só eram vistas no plano contemplativo.

Em síntese, avaliamos que houve uma sequência didática bem definida onde o estudante parte do geral para o específico, compreendendo as PCA no seu cotidiano, seu

conceito e suas características, bem como observaram vídeos visando ampliar sua compreensão sobre o fenômeno surf. Nas últimas aulas vivenciaram várias formas de equilíbrio dentro e fora da prancha, aprenderam técnicas iniciais da modalidade e experimentaram o passo a passo de como fariam se estivessem entrando no mar com a prancha, salvaguardando os elementos de segurança e as aproximações e distanciamentos de acordo com o ambiente em que cada um estava.

Os estudantes responderam o relatório avaliativo relatando a importância da experiência, que conseguiram aprender noções básicas do esporte, apontaram o limite de estarem no ensino remoto e não poderem ter contato com o mar. Destarte, avaliamos que o curto tempo pedagógico do ensino remoto comprometeu o processo de ensino-aprendizagem, para além de problemas com a internet, o espaço e os recursos que os estudantes tinham ao seu dispor. Esses fatores se configuraram como limitações das aulas, mas que não impediram que o objetivo da unidade didática fosse contemplado, visto que houve o entendimento das PCA com ênfase no surf, em sua dimensão teórico-prática.

CONCLUSÃO

A partir do presente relato, concluímos que o conteúdo PCA, em especial o desenvolvimento da unidade didática do surf foi efetivado de modo satisfatório considerando todo o percurso de trabalho pedagógico. Os estudantes conseguiram compreender os conceitos, exemplos e práticas experienciadas a partir das regências do estagiário, ainda que o isolamento social impusesse uma vivência limitada.

Quanto a experiência do estágio supervisionado, consideramos que a apropriação de todas as etapas do processo são cruciais para estagiário e supervisora, e não um caminho de uma via apenas. A experiência nos leva a refletir sobre a importância de compreender e explorar tal conteúdo de ensino, trazendo possibilidades de acesso a práticas pouco acessíveis aos menos favorecidos socialmente.

Ademais, acreditamos que estudos dessa natureza instigam estudantes e professores a promover práticas diversificadas aos seus estudantes na escola. Para tanto, consideramos necessário o investimento em futuras investigações sobre a temática, observando a grande lacuna na literatura acadêmica/científica. Concluímos que os estudantes ampliaram seus olhares para outros modos do campo do saber e do fazer, compreendendo que esses caminham juntos, independente do contexto, se presencial ou remoto.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas*, v. 21, n. 1, p. 1-12, 2017.

- ficar - Educação, v. 8, n. 3, p. 348-65, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>
- ARAÚJO, L. M.; SILVA, V. A. F.; OLIVEIRA, N. C. de. Relato de experiência: a pedagogia do surf na educação básica. *Revista EDaPECI*, v. 18, n. 2, p. 158-63, 2018. DOI: <https://doi.org/10.29276/redapeci.2018.18.28546.158-163>
- AUGUSTO, S. S.; ANDRADE, L. A. de; SILVA, J. P. H. da; MACIEL, A. de O.; BENTO, N. M. da S. Educação física na educação de jovens e adultos: um relato de experiência. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*, v. 2, n. 3, e233666, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i3.3666>
- BARBOSA, K. de A.; DAMASCENO, A. G.; ANTUNES, S. E. Educação física e pandemia: o que dizem alguns estudos sobre o ensino remoto de educação física na educação básica? *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 20, e-27832, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36453/cefe.2022.27832>
- BIKEL, R. L.; BENITES, L. C. Estágio curricular supervisionado em educação física: antes e durante a pandemia de Covid-19. *Motrivivência*, v. 34, n. 65, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e84681>
- BRASIL, V. Z.; RAMOS, V.; TERME, A. A. O surf como esporte moderno: uma proposta de taxonomia. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, Revista Digital, v. 15, n. 145, p. 1, 2010. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd145/o-surf-uma-proposta-de-taxonomia.htm>
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
- CANTORANI, J. R. H.; PILATTI, L. A. O nicho 'Esportes de Aventura': um processo de civilização ou descivilização? *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, Revista Digital, v. 10, n. 87, p. 1-1, ago. 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd87/aventur.htm>
- CARVALHO FILHO, J. J. de; BATISTA, P.; SOUZA NETO, S. de. O estágio supervisionado em educação física no Brasil: uma scoping review de teses e dissertações. *Movimento*, v. 27, e27055, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.112069>
- CELY, E.; SIMÕES, G.; POLATI, C.; PROCÓPIO, R.; MOTA, D.; HENRIQUE, J. Um olhar no espelho: percepções de uma professora supervisora de estágio curricular supervisionado em educação física. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 13, e387101321305, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21305>
- COLEGIO UNIVERSITÁRIO UFMA (Maranhão). *Estágio*. 2021. Disponível em: https://portais.ufma.br/PortalUnidade/colun/paginas/pagina_estatica.js?id=1278
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, L. P. *Meio ambiente e desporto: uma perspectiva internacional*. Porto: Universidade do Porto, 1997.
- CRISTOVAO, S. C.; AYOUB, E. Estágio supervisionado: aprendizados de estagiários da Educação Física. *Revista Triângulo*, v. 12, n. 2, p. 89-100, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18554/rt.v0i0.3512>
- FERREIRA, V. M. S.; OLIVEIRA, T. R. H. de; SILVA, M. I. F. D. da. Desafios em tempos de pandemia: o ensino remoto emergencial da educação física no ensino fundamental In: *EnPED 2020 - Congresso Internacional de Educação e Tecnologias e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância*. Anais... São Carlos, UFSCAR, 2020. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1272>
- FRANCO, C. P.; CASVASINI, R.; DARIDO, S. C. Prática corporais de aventura. In: FERNANDO, J. G.; SURAYA, C. D.; AMAURI, A. B. O. (Orgs.). *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura*. Maringá: Eduem, 2014.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Coleção Leitura, 1996.
- LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e docência: diferentes concepções. *Poiesis Pedagógica*, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v3i3e4.10542>
- MADEIRA, E. V. T. O ensino das práticas que utilizam o conceito de prancha: direcionamentos para a prática pedagógica no ensino básico.. In: VIII SMEF e I Encontro estadual do CBCE-MA. *Anais...* São Luís: CBCE, 2021. Disponível em: www.even3.com.br/Anais/VIII SMEF_CBCEMA/391297
- MARCHI, K. B.; SOUSA, J.; MARCHI JUNIOR, W.; CAVICHIOILLI, F. R. Por uma análise da emergência do campo dos "esportes de prancha". *Journal of Physical Education*, v. 28, e2848, 2017. DOI: <http://doi.org/10.4025/jphyse-duc.v28i1.2858>
- MIRAGEM, A. A.; ALMEIDA, L. de. Potencialidades e limitações da educação física no ensino remoto: o efeito pandemia no componente curricular. *Movimento*, v. 27, e27053, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.111633>
- MOLETTA, A. F.; TEIXEIRA, F. A.; FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V.; FARIAS, G. de O.; MARINHO, A. Momentos marcantes do estágio curricular supervisionado na formação de professores de educação física. *Pensar a Prática*, v. 16, n. 3, e18705, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v16i3.18705>
- POSSAMAI, K.; LUZ, P. H. M. da; PEREIRA, R. S.; PRATES, I. V.; BRESCHILIAIRE, F. C. T. As práticas corporais de aventura nas aulas de educação física durante o ensino remoto: planejando o movimentar-se com a prancha de equilíbrio. *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 3, p. 205-12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36453/cefe.2021.n3.27630>
- RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; GODA, C. O conhecimento pedagógico para o ensino do surf. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 24, n. 3, p. 381-92, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/18730>
- SCAPIN, G. J.; CAMARGO, M. C. da S.; SOUZA, M. da S.; COSTA, L. C. da; CHARÃO, C. M. A construção de material pedagógico para o ensino do jogo e o processo educativo na Educação Física crítico-superadora. *Motrivivência*, v. 32, n. 61, p. e61616, 2020. DOI: <http://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e61616>
- SCHWARTZ, G. M. *Aventuras na natureza: consolidando significados*. São Paulo: Fontoura, 2006.
- SEABRA, C.; SILVA, E.; RESENDE, R. A prática de ensino supervisionada em educação física. *Revista de Pedagogia e Pesquisa do Esporte*, v. 2, n. 3, p. 32-47, 2016. Disponível em: <https://www.ardh.pt/documentos/investigacao/publicacoes/2016-Seabra%20et%20al-Prática%20supervisionada.pdf>
- SILVA JÚNIOR, A. P. da; OLIVEIRA, A. A. B. de. Estágio curricular supervisionado na formação de professores de educação física no Brasil: uma revisão sistemática. *Movimento*, v. 24, n. 1, p. 77-92, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.67071>
- SILVA, B. A. T.; MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A.; SILVA, V. L. T.; SILVA, S. A. Atividades de aventura na licenciatura em educação física: um relato de experiência. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 7, n. 1, p. 69-80, 2016. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2207>
- SILVA, I. R.; SILVA, A. M. B. O impacto da pandemia Covid-19 na Educação Física escolar: uma revisão integrativa da literatura. *Pensar a Prática*, v. 25, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v25.66952>
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- UFMA. Universidade Federal do Maranhão. *Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física*. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/ProjetoPol%3C%ADticoPedag%3C%B3gico2015.pdf>
- VASQUES, D. G.; MARIANTE NETO, F. P. Uma análise configuracional sobre os usos das tics na educação física escolar durante a pandemia. *Revista Didática Sistêmica*, v. 23, n. 2, p. 14-28, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14295/rds.v23i2.13538>

E-MAIL DOS AUTORES

Camila Fernanda Pena Pereira (Autor Correspondente)

✉ camila.pena@ufma.br

Samara Rubia Silva

✉ samara.silva@ifpb.edu.br

Mayrhone José Abrante Farias

✉ mayrhone@gmail.com

Ernesto Vandrê Teixeira Madeira

✉ ernesto.vandre@discente.ufma.br